

AS EVIDÊNCIAS  
(1955)

# I – “AO DESCONCERTO HUMANAMENTE ABERTO”

**Otília Lage\***

O poeta Jorge de Sena, como assim essencialmente se quis, podendo pensar-se a poesia como núcleo gravitacional de sua obra, testemunha, em diário de 12 de Fevereiro de 1954: “Hoje, pela manhã, surgiram-me vários fragmentos de versos ou versos inteiros, que se me organizaram num poema e num soneto, que espero seja o primeiro da sequência por que anseio há tanto. Julgo-os do melhor que tenho feito, e satisfazem-me em comparação com o que, e raramente, andava fazendo.” Referia-se ao primeiro soneto de *As Evidências*, datado desse dia.

A construção criativa desta “sequência”, ou “ciclo”, ou “poema em 21 sonetos”, revelou-se ao poeta, como afirma em seu prefácio, “fruto angustiosamente amadurecido de outra sinceridade a nós próprios e à nossa própria expressão transcendente e de objectividade em face do mundo, demasiado incômoda para as vantagens quotidianas de sermos apenas nós próprios”.

Sobre a edição deste livro, escrito entre Fevereiro e Março de 1954, e vindo à luz em 1955, o mesmo Sena denuncia as vicissitudes por que esta publicação passou nos meandros da censura política salazarista, apreendido pela PIDE durante um mês, acusado de subversivo e obsceno.

Na dependência profunda entre texto e metatexto que é característica da obra poética de Sena, este “poema em 21 sonetos” foi por ele reconhecido como “realmente subversivo” e “respeitavelmente obsceno”. Já a crítica, na sua recepção inicial, classificou-o como “obra de categoria excepcional”, tal como afirma David Mourão-Ferreira.

A opção que o poeta faz pelo soneto, com os seus 14 versos aqui em construções estróficas variáveis, seguindo os vários modelos consagrados, e o recurso, do ponto de vista estilístico, a um, ainda nas palavras de Mourão-

Ferreira, “enovelamento sintático em que a hipotaxe predomina de um modo quase obsessivo”, tornam este volume exemplar naquilo que na poesia de Sena é capacidade de verter um acto de conhecimento numa forma depurada e fustigada pelo rigor vocabular e prosódico.

Em *As Evidências*, desde o título e soneto de abertura, como na restante obra seniana, é estabelecida uma relação intertextual, não só com o texto/contexto político português, mas com um campo filosófico que introduz na *razão poética* uma *razão dialéctica* e uma *razão fenomenológica* husserliana reintegradas numa *razão existencial*.

No soneto em análise, evidência do “*desconcerto humanamente aberto*” aos “*sinais*” das “*coisas reais*”, o poeta *questiona esse desconcerto*, contrapondo-lhe “o entendimento e o sentimento de que as coisas são como nos aparecem, tal a certeza da sucessão dos dias e das noites. Ao poeta cabe ler-lhe os sinais entre a confusão que da ordem das coisas resulta da diversa incidência da luz e da sombra sobre as suas faces que esconde a multiplicidade das formas. Porém, a confusão do poeta é afinal a desvergonha de um mundo em que da Natureza Deus é tão só o pudor. Paira sobre este soneto a imagem, como já afirmei em outro momento, da terrível nuvem do cogumelo nuclear. Subjaz a esta construção poética, que faz ecoar o desconcerto camoniano, a aguda percepção que Sena teve do abismo intransponível que com a bomba atómica se abria entre um passado e um futuro incerto, na possibilidade humana do seu próprio aniquilamento e que se traduziria numa outra relação de poder homem-natureza.

Nas duas estrofes finais, encadeamento das relações fenomenológica e dialéctica, entre o existencial sentir-pensar, busca-se a “*harmonia oculta*” no desconcerto do poeta aberto ao desconcerto do mundo de que o divino se mantém distante. Neste tom em que assoma a persistente reflexão seniana sobre o divino e o sagrado, figura a interpelação do poeta a um Deus ausente dos humanos e “*pudor*” da própria natureza, onde ecoa a ideia de Deus “*de um só*” preconizada por Nietzsche.

Nessa relativização das crenças imposta pelos factos da história, uma “história crítica”, “justiceira do passado”, nietzschiana, que ressoará no poema “Em Creta com o Minotauro”, exilado da pátria na cultura, mantém-se o apelo do poeta aos valores humanos, propondo-nos “fazer do verbo carne” neste mundo, o único possível.

Em “alta linguagem”, a poesia culta de Jorge de Sena, transportando o potencial da *imaginação da realidade*, alcança plena realização na nossa época em que a civilização ocidental parece sem rumo e se necessitam visões heterodoxas sobre a vida e o mundo, como vivê-los e dizê-los em discurso poético e expressão crítica.

---

\* Investigadora integrada ao CITCEM—Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto. Pós-Doutoramento na Universidade de Coimbra, Mestre e Doutora pela Universidade do Minho. Privilegia a investigação em História Social Contemporânea; Património, Identidade e Memórias; Estudos Literários, Culturais e Sociotécnicos; Ciências da Educação e da Informação. Dentre várias publicações, destaca os livros: *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena “Vita Nuova”* (Brasil, 1959-1965), 2013 e *Mécia de Sena e a escrita epistolar com Jorge de Sena: para a história de cultura portuguesa contemporânea*, 2015.